

A FICÇÃO INTELIGENTE DE MATTEO PERDEU O EMPREGO

Por Rinaldo de Fernandes

Matteo perdeu o emprego (Ed. Foz, 2013), do angolano-português **Gonçalo M. Tavares**, é uma espécie de manual do absurdo. Um livro inteligente, profundamente irônico, com uma construção ímpar. Um livro que desconstrói a forma mais consagrada do romance moderno – aquela calcada no monólogo interior/fluxo de consciência. Um livro que, como poucos na literatura contemporânea, adiciona à cena narrativa a metalinguagem como fator de especulação ensaística/filosófica. Um livro que, para além de narrar (e de narrar bem, de ser muito atrativo narrando), faz apreciações acerca de sua própria forma, problematiza a ficção ao mostrar as suas estratégias, os seus bastidores.

O livro está dividido em três partes. Na primeira, acumulam-se vinte e três pequenos e médios relatos (alguns não passando de meia página). Cada relato, além de seu protagonista, traz um personagem (o nome deste vem marcado em negrito) que será o protagonista do relato seguinte. O nome do protagonista é destacado no título de cada um dos vinte e três relatos. Exemplos: “Aaronson e a primeira rotunda”, “Ashley e a encomenda”, “Baumann e o lixo”, “Glasser e a bateria”, “Hornick e o labirinto”, etc. Os relatos estão distribuídos em ordem alfabética – até o “M”, quando há o relato mais longo, “*Matteo perdeu o emprego*”, com cerca de vinte páginas, dividido em doze capítulos curtos, e o nome do protagonista também anunciado em

negrito no relato que o precede, o vigésimo terceiro. A segunda parte é justamente esse relato mais largo, “Matteo perdeu o emprego”, protagonizado pelo vigésimo quarto personagem (“...a personagem central desta narrativa”, conforme alerta o narrador). A terceira parte, ensaística, filosófica, autorreferencial, metalinguística, são as “Notas sobre Matteo perdeu o emprego”, denominadas de “Posfácio”. Esta terceira parte, composta por textos/reflexões curtas, toma cerca de cinquenta páginas do livro.

Uma estrutura, portanto, lógica, muito bem arquitetada para expressar, como veremos, o absurdo – e o efeito é uma forte ironia. (Um vigésimo quinto relato, cujo protagonista seria Nedermeyer, é elidido/sequestrado, conforme é indicado num dos apontamentos da terceira parte, quando é posta em dúvida se é ou não “circunférica” a estrutura do livro, ou seja, se após o último relato, o de Matteo, volta-se ao primeiro, o de Aaronson – questão, por excelência, de cunho metalinguístico).

Em termos de conteúdo, o que caracteriza a primeira e a segunda partes é o fato de todos os relatos trazerem uma situação absurda. Assim, por exemplo, no relato “Ashley e a encomenda” um indivíduo vai entregar um embrulho numa rua extensa cujos prédios, todos, têm o número 217. O relato “Baumann e o lixo” é a história de um indivíduo que “lava” o lixo, que faz a assepsia de peças recolhidas na lixeira para reintroduzi-las na civilização, para reintegrá-las na sociedade como objetos de valor. “Diamond e o ensino”, numa linha parecida, narra a história de uma escola tomada pelo lixo, que sobe os andares, vai enchendo as salas – “[o professor] Diamond tinha a ideia fixa de que o lixo queria regressar a esse mundo através de uma das suas marcas mais fortes: a alfabetização” –, sendo que, no fim, ‘re-

sistem' ao acúmulo de sujeira e ao ar infecto um professor e seus vinte e dois alunos. Sobre estes, assinala, com ironia, o narrador: "...eram os vinte e dois homens que evita[ram] que o mundo sucumbisse". Em "Glasser e a bateria" conta-se a história de um homem com um coração artificial que funciona através de uma bateria de caminhão (esta é ligada ao peito do homem por um fio). Glasser, para onde vai, precisa carregar a bateria, que é pesada, com mais de vinte quilos. O relato focaliza o momento em que Glasser vai para um bordel ter um encontro com uma prostituta e, na hora de subir as escadas, e ainda de consumir o ato, precisa do auxílio do gerente do bordel e da própria prostitua para poder conduzir a bateria. "Kashine e o NÃO", por sua vez, trata de um adolescente de dezesseis anos que vivia a "espalharnão por onde passa[va]", que escrevia a palavra "não" em tudo. E por aí vai.

Na segunda parte, em "*Matteo perdeu o emprego*" (que, repita-se, fecha a seção narrativa do livro, e que é o 'complemento' da primeira parte, desta se diferenciando apenas por ser um relato mais longo e por ser composta por capítulos curtos enumerados), na segunda parte aparece a história do desempregado Matteo, casado, com filhos, que consegue um emprego para cuidar de uma mulher que não tem braços (mais uma vez, o absurdo se apresentando). Matteo tem um amigo, Guzi, que é sapateiro e que cria um macaco. Por falta de clientes, Guzi entra em decadência – e passa a ameaçar a comer o macaco, etc. Um relato impiedoso, sobre penúria financeira, sobre o processo de desumanização na sociedade de classes.

Por fim, na terceira parte, nas "Notas sobre Matteo perdeu o emprego", ou "Posfácio", há, também em textos curtos, apontamentos filosóficos que comentam personagens/acontecimentos das duas pri-

meiras partes. O procedimento aqui, como já indicado, é ensaístico, reflexivo – e também metalinguístico, pois há uma preocupação em discutir o arranjo, a disposição, a lógica da composição das duas partes anteriores. Há ainda intertextualidade (por exemplo, para ilustrar um dos apontamentos, é citado o romancista polaco Gombrowicz, autor de *Cosmos*). Embora, aqui e ali, correndo o risco de provocar certo enfado no leitor (que a essa altura já saboreou os deliciosos relatos das duas outras partes, em especial o relato sobre Matteo), essa terceira parte traz momentos de reflexão filosófica muito instigantes. Por exemplo, a reflexão sobre o "lixo":

"...o que já não vai para lado nenhum, eis o lixo. Mas isso apenas para quem está de um lado, do lado de cá, dir-se-ia – porque para os outros, os que trabalham no lado do lixo, esses sim, percebem – só os que cheiram mal percebem que o lixo inicia outra narrativa, que o lado do lixo é o lado do início, é a primeira palavra. Ou seja: o que estava arrumado em definitivo, o lixo, eis que ressuscita como qualquer mágico no meio de um bom truque e diz: aqui estou eu, começamos!"

Também é instigante este apontamento sobre o "não":

"*Não* é o vocábulo mais assertivo no mundo da linguagem. Bem mais do que o *sim*; o *sim* abre uma continuidade, *sim* e avanço, *sim* e algo mais. O *sim* começa, o *não* termina. O *não* encerra. *Não* há vocábulo mais assertivo; é em linguagem a palavra mais mortal. Queres? *Não*. Vens? *Não*. Podes? *Não*. Fizeste? *Não*. Vais fazer? *Não*.

Pois o que vemos na história de **Kashine** é precisamente esta exatidão que explode, que provoca múltiplos efeitos, um não que perturba, que põe em causa, um não que não domina os seus efeitos."

E ainda este outro comparando o “sim” e o “não”:

“...o sim tem estas características: faz com que uma planta, em princípio, se junte a outras – e é o não que vai diferenciando, separando, enviando uns elementos para um lado, outros elementos para outro. Mas para sermos justos: o não e o sim trabalham em conjunto para pôr em ordem a confusão de que se partiu. O mundo é sempre uma confusão e uma taxinomia que o tenta organizar é uma gestão de tráfego onde sim e não são as direções; e apenas com dezenas de sim e dezenas de não se organiza o caos, até ao ponto em que cada elemento está separado de todos os outros; do mundo vasto e barulhento e brutal e confuso se chega, pelo caminho do não e do sim, à unidade mínima. Eis, pois, a história da racionalidade.”

Por fim, esta observação sobre o “labirinto”:

“No fundo, o labirinto também é isso: uma infinidade de sem saídas. Não se vai a lado nenhum por muitos lados, ou: há muitos caminhos para não se ir a lado nenhum: eis o labirinto. E, como se existisse apenas uma verdade e uma solução no mundo, o labirinto funda essa coisa estranha que é a crença num único caminho; um processo violento: todos os caminhos estão barrados exceto um.”

Matteo perdeu o emprego é, de fato, um livro singular. Mescla conto, novela e ensaio filosófico. E é mesmo um romance? Para além do debate acerca de seu gênero, é uma inteligentíssima obra de ficção.

RINALDO DE FERNANDES (PARAÍBA-MARANHÃO) - Contista, romancista e professor universitário. Doutor em Letras pela UNICAMP. Autor do livro de contos *O perfume de Roberta* (Rio de Janeiro: Garamond, 2005) e dos romances *Rita no pomar* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2008 – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura) e *Romeu na estrada* (inédito). Organizou, entre outras, as coletâneas de ensaios *Chico Buarque do Brasil* (Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004) e *Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos* (São Paulo: LeYa, 2013).